

PONTOS DE VISTA

A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR-UM DESAFIO A VENCER

Maria Madalena Rodrigues dos Santos*

A responsabilidade social de atendimento ao pré-escolar.

A educação pré-escolar tem sido foco, nos últimos anos, de permanentes debates. Segundo dados do MEC, temos 23 milhões de crianças nas idades de 0 a 6, sendo que cerca de 10 milhões estão na faixa de 4 a 6 anos e, desses, aproximadamente 7 milhões pertencem a famílias de baixa renda. Estes números levam ao "consenso" de que algo deve ser feito, e urgentemente.

8

Os congressos, seminários, encontros e cursos abriram um espaço político para a criança pré-escolar. Como educadora, temo o modismo; a moda passa e, às vezes, rapidamente. A criança — objeto central das preocupações — está a exigir uma postura mais realística e objetiva, na solução de seus problemas.

Atender às necessidades da população em idade pré-escolar e, prioritariamente, as oriundas de população de baixa renda, é um desafio e um dever. Todavia, não abraçar este desafio significa irreparável sonegação à criança em termos do seu desenvolvimento individual e social, aos sistemas de ensino, à comunidade e ao processo de desenvolvimento como um todo.

A despeito de toda a literatura sobre o tema e das diversas posições assumidas por vários segmentos da sociedade, o problema passa por alterações de definições no cenário nacional, talvez causadas pela sua complexidade ou pela não prioridade, como vem sendo tratado. Provoca "comoção" social ou tende a cair na rotina dos problemas educacionais

* Diretora da Diretoria de Serviços Educacionais da Secretaria de Educação de Pernambuco e Professora Assistente da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

como algo, se não insolúvel, pelo menos passível de ser adiado ou tratado sem as cores vivas de um quadro nada promissor.

Discute-se a quem cabe a responsabilidade da coordenação de tarefa tão interdisciplinar e, enquanto isso ocorre, milhares e milhões de crianças nestes "Brasis" afora se vêem marginalizadas do processo de vida melhor ou vêem diminuir as suas expectativas de vida.

O espaço político que se abre à educação pré-escolar das populações de baixa renda tem sido paradoxalmente limitado pelo espaço pedagógico. O respeito e reverência às metodologias assimiladas dentro de um momento histórico passado têm se apresentado como fatores restritivos à adoção de fórmulas mais simples de atendimento ao pré-escolar, mas nem por isso simplórias.

A carência de uma visão macro da problemática, com a sua multiplicidade de implicações, contribui também para fragmentação das soluções e fragilização das alternativas a serem adotadas para minimização do problema.

Diante de formas inovadoras para enfrentar o desafio, o tradicionalismo das posturas educacionais sempre encontra suporte e reforço nas infundáveis minudências que explicam todo o desenvolvimento infantil e as "receitas" de como tratar adequadamente a criança.

Contudo, dificilmente nos perguntamos o que acontece com a criança que não chega aos limites da escola. Como resolver o impasse de não atender dentro dos mandamentos pedagógicos, ou dar algo, mesmo que este algo não se enquadre nos dogmas pedagógicos, quase sempre não formulados para a realidade brasileira, nem tão pouco a nordestina?

E, no impasse de solucionar estas questões, justificamos a nossa passividade diante do fato, ou aceitamos o fato consumado do não atendimento.

Freqüentemente, nós educadores, não fazemos uso da assertiva de Ga-

dotti de que o "homem só avança quando corre o risco de desequilíbrio, rompendo o equilíbrio. Romper o equilíbrio é um ato pedagógico"¹. Romper o equilíbrio dos mandamentos postuladores da educação pré-escolar, utilizada em termos restritos e para pequenos grupos, ou grupos privilegiados, é imprescindível, a fim de que se possa atender aos direitos de milhões de crianças.

É, sobretudo, uma responsabilidade social a que nós educadores não nos podemos furtar.

É necessário, diante de uma realidade nova e de preocupações renovadas, uma postura de busca que leve à descoberta de novos caminhos educacionais, em que teoria e prática pedagógicas vinculem-se as raízes sociais dos vários segmentos da população — objetos de sua ação. Tentar transferir na educação em geral, e em particular na pré-escola, uma cadeia de valores inadequados à população carente, é desconhecer uma realidade, é aumentar o hiato entre essas crianças, seus familiares e a escola; é decretar a priori o fracasso da pré-escola.

ANA MARIA POPPOVIC e outros pesquisadores, no trabalho "Marginalização Cultural: uma metodologia para seu estudo", assinalam que "no momento em que uma dessas crianças sai do ambiente familiar e passa a freqüentar a escola, depara-se com uma instituição mantida, organizada e regida conforme os padrões de classe média, padrões esses bem diversos dos que lhe foram dados e dos que continuará a assimilar no seu ambiente. Inicia-se, então, um processo de marginalização dessas crianças"². Esta afirmação de ANA e seus colegas de pesquisa ressalta a dicotomia existente - e pouco trabalhada — entre o mundo da escola e o mundo da criança. Com a antecipação da ida à escola, através dos programas pré-escolares, antecipa-se também o problema da marginalização, a partir do momento em que não foram consideradas as implicações do problema em pauta e a escola não assumir uma postura adequada à sua solução.

Critica-se constantemente a incapacidade dessas crianças em enfrentarem as bancas escolares; frustramo-nos diante da impossibilidade de elevá-las a um nível "desejável" dentro dos nossos padrões. Dificilmente

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**; introdução à pedagogia do conflito. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1981. p. 10.

POPPOVIC, Ana Maria et alii. Marginalização cultural; uma metodologia para seu estudo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (7) : 5-60, jun. 1973. p.11.

nos debruçamos para observar o problema por outro ângulo, colocando-nos do outro lado e questionando o tipo de educação oferecida por nossas escolas. É uma falha cultural nossa — lamentável, mas bastante justificada pela nossa formação — o desconhecimento do saber "lidar" com crianças oriundas de baixa renda. E esse desconhecimento leva-nos a penalizá-las ao imputar-lhes um sistema que cada vez mais aprimora-se na cobrança de resultados quantitativos, em que os padrões de desempenho cognitivo são exacerbados, desvinculados totalmente de uma vivência social e revestidos de uma forte inadequação escola-vida.

Questiona-se a validade da pré-escola frente ao sistema de ensino regular e não se questiona, antes disto, a escola hoje e o seu papel no contexto mais amplo das necessidades sociais.

E nos questionamentos não respondidos, vamos adiando um problema que é o de enfrentar o desafio da pré-escola, através de propostas mais abrangentes, mais abertas, de mais baixo custo, de mais adequação às necessidades e realidades locais. Pareceu-nos interessante ressaltar um conceito simples apresentado num Manual de Treinamento para monitores de pré-escola, editado pelo MOBRAL — "a escola não é o único lugar onde a educação acontece". Conceito simples, repetimos, mas tremendamente importante, que deveria nortear as decisões de administradores educacionais na tomada de decisões diante do problema da criança e dos docentes, na sua prática escolar. E, ao incorporar conceitos como este, verificar que a escola não pode, nem deve, desvincular-se de toda uma ambiência que a cerca. Vale ressaltar que, na adoção de soluções mais simples de forma de atendimento, na preocupação da vinculação destas formas a uma educação mais próxima da vivência das pessoas de baixa renda, não se entenda que isto implique abdicar no que é **essencial** na educação dessas crianças. Dever-se-á, acima de tudo, ter a consciência de onde **não se deve ceder** para ofertar qualidade, e não apenas quantidade; onde **não se deve negligenciar** para atingir os fins primordiais da ação educativa.

Ao assumir-se a responsabilidade social de atender a essas crianças, todos os mecanismos administrativos deverão ser ativados e reativados, para quebrar o imobilismo que freqüentemente atinge os sistemas de ensino, quer pela complexidade e grandiosidade das ações a serem desenvolvidas, quer pelo distanciamento entre decisores e executores da ação educativa. Resumir o questionamento às condições materiais dos sistemas de ensino e à não existência de conhecimento adequado para solucionar os problemas, não nos leva muito longe. Servem, tão somente,

para justificar o imobilismo, enquanto se perde de vista a questão essencial do processo educacional.

Quando existir real valorização do processo educacional, necessário às crianças pré-escolares, reduzir-se-ão as dificuldades materiais e estas serão naturalmente contornadas. O valor passa a ser o grande elemento mobilizador das ações.

Um boletim da UNICEF, que aborda o Estado Mundial da Infância 1981—1982, no seu artigo "Maus tempos para as crianças", ressalta que "por maior e complexa que seja agora nossa sociedade, essa relação especial de responsabilidade com suas crianças é ainda uma ética indispensável de civilização"³.

É necessário que não nos intimidemos pela complexidade dos problemas — "todo problema real é complexo" - mas partamos para dissecar as suas soluções.

A experiência de Pernambuco

A Secretaria de Educação de Pernambuco, em 1977, partindo de uma decisão político-administrativa de utilizar as alternativas necessárias para solucionar seus problemas, tenta inovar seu atendimento ao pré-escolar.

As estatísticas educacionais da época registram um pouco mais de 1.000 (mil) crianças atendidas pela rede estadual de educação, concentrando-se este atendimento nas "melhores" escolas, que naturalmente não atendiam às populações economicamente menos favorecidas. Registravam-se, também na época, algumas incursões de educação pré-escolar com populações de baixa renda; como exemplo disso, cita-se o caso do Centro de Educação Bernard Van Leer, localizado em Brasília Teimosa, área de grande densidade populacional, cujos habitantes, em sua grande maioria, são migrantes das áreas rurais do Estado. Todavia, pela especificidade do atendimento e quantitativos adotados, não se apresentava de fácil multiplicação e passível de deflagrar uma ação de maior porte junto aos pré-escolares.

A experiência dos Centros de Atendimento ao Pré-Escolar -CEAPE, desenvolvida sob a orientação do Dr. YARO GANDRA em São Paulo, foi

³ MAUS tempos para as crianças. **Boletim da UNICEF**, 1981-1982. p. 4.

a mola norteadora ao desencadeamento de uma metodologia voltada para grande número de crianças, sem necessidade de realização de grandes obras de infra-estrutura, normalmente caras e demoradas.

Adaptações da metodologia à cultura organizacional local e à realidade social foram necessárias para tornar o projeto exequível, dentro do contexto estadual.

Em Pernambuco, a experiência passa a denominar-se PROAPE — Projeto de Atendimento Pré-Escolar e insere-se dentro de um programa maior, vivenciado pela Secretaria e voltado para crianças nessa faixa de idade. Revestiu-se o projeto de caráter experimental, onde três modalidades metodológicas foram delineadas e avaliadas, com objetivo de futuro efeito multiplicador.

Inicialmente, por solicitação do INAN (órgão incentivador e financiador da experiência) e do Banco Mundial, teria o projeto um objetivo primeiro de suplementação alimentar.

Todavia, diante dos altos índices de evasão e repetência do sistema regular de ensino, das carências educacionais da população-alvo, transformasse este num projeto mais abrangente, onde os aspectos educacionais, nutricionais e de saúde formam um conjunto.

Atendendo em seu primeiro ano de atuação cerca de 5.500 (cinco mil e quinhentas) crianças, o projeto cresce gradativamente até atingir, hoje, cerca de 50.000 (cinquenta mil) crianças.

Parece ter sido uma tarefa fácil; todavia, foi acompanhada de todos os riscos, dúvidas, restrições, medos e perplexidades diante do desafio de adotar-se uma metodologia educacional, não apenas preocupada com a criança, mas também com a família e, no caso específico, a mãe — elemento de maior ligação com essa criança.

Perplexidade, diante dos números estabelecidos para cada professora — 100 (cem) alunos. Perplexidade, diante da necessidade de envolver a mãe numa atitude ativa e participante na educação de seu filho e funcionando como auxiliar direta da professora. Medo, de quebrar os tradicionais pressupostos norteadores da ação educativa para com o pré-escolar; medo, de perder espaço ao dividir com a mãe uma responsabilidade designada para a escola; medo do risco, medo da inovação.

Todavia, norteou a ação a necessidade de perseguir-se o essencial, o que era importante — atender às prioridades definidas e defendidas pela Secretaria de Educação, na sua preferência pelos mais carentes.

O desenrolar do projeto gerou uma série de subprodutos, entre eles o fortalecimento de equipes especializadas em pré-escola, a preparação de professores nesta área, a adoção de novas alternativas de atendimento à criança nessa faixa etária, à montagem de esquemas mais sistematizados de envolvimento da comunidade ao trabalho escolar. A experiência do projeto vem gerando uma nova forma de ver a prática educativa de maneira diferenciada, apesar de encontrar ainda, no seio da própria Secretaria, contestadores. É salutar essa contestação. Cria o debate, amplia a busca de metodologias outras e propicia o aparecimento de massa crítica no ambiente organizacional. Não se pretende correr o risco de adotar-se posições dogmáticas sobre o problema, pois elas também seriam parciais.

Hoje, não existe na Secretaria da Educação de Pernambuco um modelo único de atendimento ao pré-escolar. Existem modelos que norteiam a organização administrativa do alunado e propostas pedagógicas suscetíveis de transformações. Existe um chamamento e um direcionamento para atender-se prioritariamente à criança oriunda de população de baixa renda. Existe uma preocupação de não fazer da escola mais um elemento de segregação, de discriminação e de marginalização da criança, frente ao seu ambiente. Existe uma preocupação de transformar a escola em uma escola comunitária. Temos pouco know-how nisto! Mas, estamos aprendendo com as lições da própria comunidade e o projeto do pré-escolar tem sido pródigo nessas lições. Existe uma consciência da relatividade das propostas pedagógicas diante do aqui e agora, das peculiaridades de cada região e das mutações ambientais.

Dentre as modalidades de atendimento ao pré-escolar mencionadas anteriormente, e tendo como ponto focal a preferência pelos mais carentes, poder-se-á citar, além do PROAPE, o Centro de Educação Bernard Van Leer, que ora se renova e amplia as suas atividades em novas bases, onde o trabalho comunitário é a tônica principal; as Mini-escolas, onde, aproveitando-se ambientes simples, de localidades muito pobres, instala-se uma pré-escola para as crianças de 5 e 6 anos; os Núcleos de Recreação nas periferias da cidade, onde os paraprofissionais conduzem o processo educativo e a Escola e Secretaria os incorporam como clientes de uma ação educacional sistemática, preparando-os para atuarem nessas

áreas; as classes pré-escolares nos moldes universalmente adotados, para o desenvolvimento da ação pré-escolar.

A atuação da Secretaria, na área do pré-escolar, recentemente ampliou-se e sua responsabilidade aumentou, quando, utilizando os recursos oriundos do MOBREAL e do PROCANOR - Programa de Apoio às Populações Pobres da Zona Canavieira do Nordeste — Projeto VIVER, resolve desencadear uma ação conjunta ligada aos órgãos de educação das Prefeituras Municipais. Atende, assim, a uma solicitação de cerca de 110 municípios nas várias regiões do Estado. Exercita-se a descentralização das ações educacionais, através da pré-escola e, quem sabe, atingir-se-á a tão esperada municipalização do ensino, através da semente do pré-escolar.

Espraia-se a pré-escola no Estado e, apesar das diretrizes gerais emanadas do órgão central, afortunadamente, o atendimento a essas crianças adquirirá uma cor local, pois nem todas estão crescendo pescando nas marés de Recife e Olinda, mas muitas delas sofreram e sofrem as agruras da seca ou das enchentes, tão freqüentes em Pernambuco.

Provavelmente, todas elas vêm desenvolvendo sua coordenação motora e discriminação visual, no duro exercício da prática diária da sobrevivência. Nem sempre a prática da sobrevivência deixa tempo para desenvolvimento do domínio afetivo da educação e freqüentemente subutiliza ou deforma o domínio cognitivo e psicomotor dessas crianças. É importante, entretanto, lembrar que, nós educadores, não podemos negar nem olvidar essa prática da sobrevivência. É preciso trazê-la para o seio da escola e através dela descobriremos os melhores caminhos para educar essas crianças.

Os dados estatísticos do final de 1981 apresentavam a Secretaria com um atendimento ao pré-escolar na ordem de 44.500 crianças, distribuídas pelos seus vários projetos. O PROAPE atendia a um percentual de 74,10%, enquanto o restante distribuíam-se pelas outras formas adotadas.

A população na faixa de 3 a 6 anos no Estado situa-se na ordem de cerca de 1.500.000 crianças, o que significa dizer que estamos atendendo a apenas 3% das crianças nessa faixa.

Nosso atendimento está muito aquém das nossas necessidades; todavia, o espaço pedagógico e político que se abre tem agregado, na luta pela ampliação do atendimento, uma série de instituições outras que colaboram na minimização do problema.

Os novos caminhos da educação pré-escolar

Diante de uma experiência vivida à frente de administração de programas educacionais, dentre eles os destinados às crianças na faixa pré-escolar, fica-nos a sensação nítida da não existência de fórmulas mágicas para solucionar o problema da pré-escola. Mesmo porque ele não é isolado de um contexto maior e desvinculado dos fatores exógenos que o influenciam.

Frente aos novos rumos que a educação pré-escolar tem tomado no cenário nacional, será interessante lembrar a afirmação de Gaston Mialaret de que "será ingênuo acreditar que todos os problemas posteriores da educação poderiam resolver-se por uma organização perfeita da educação pré-escolar"⁴. Esta não é mais do que um segmento da educação total do indivíduo e como tal deverá ser considerada. Todavia, ela não deverá ser direcionada somente com preocupações para a melhoria da performance do sistema de ensino no futuro, mas vincular-se à problemática básica de desnutrição, carência afetiva, socialização, problemas de saúde, etc, da criança no seu hoje.

12

Recentemente um grande chamamento foi feito pelo MEC para a reunião de esforços na tarefa de dar consistência ao proposto no III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto - 1980-85, em respeito à educação pré-escolar. Ao chamamento agregaram-se recursos e diretrizes bastante claras, onde a integração dos órgãos setoriais, a mobilização dos meios comunitários e dos recursos locais e a ênfase à inovação metodológica representam linhas norteadoras do atendimento ao pré-escolar.

No caso de Pernambuco, tem sido relativamente fácil atender a esse chamamento, pois o exercício da experiência vivenciada ao longo dos últimos anos, substanciada pelos resultados das pesquisas e alimentada pelo debate permanente da questão, nos indicam ou orientam a adoção de medidas concretas, em resposta à convocação ministerial. Para nós, pré-escola não é um mero modismo.

A discussão valorativa dessa modalidade educacional já permeia os vários segmentos da instituição e a natural conscientização para o problema.

MIALARET, Gaston. A educação pré-escolar no mundo. Lisboa Moraes 1976 p. 163.

Parece-nos essencial que, quaisquer que sejam os sistemas de ensino, ao tentar expandir ou assumir o atendimento ao pré-escolar, deverão fazê-lo dentro de uma postura crítica e consciente de suas necessidades nessa área. Despojamento e mergulho nas profundezas da responsabilidade a assumir são necessários para que sejam evitados os erros de uma adoção não compartilhada, não abraçada, não desejada.

Os esquemas de pré-escola poderão parecer convidativos nos discursos e os exemplos dentro de uma realidade definida. Entretanto, não se constituindo a pré-escola para populações de baixa renda um valor a ser atingido, a operacionalização das suas atividades não resistirá à ditadura do "se". Se tivéssemos salas... , se tivéssemos professores treinados. . . , se tivéssemos carteiras. . . , se tivéssemos material didático. . . , se. . . As carências, as restrições, os fatores limitantes são inúmeros, mas não apenas para a pré-escola. É preciso transformar fatores restritivos em impulsionadores de uma ação educativa mais comprometida.

Tomada na sua dimensão maior e revestida de uma roupagem nova, a educação pré-escolar pode tomar ares de contestadora da escola de 1º Grau. Escola rígida, desvinculada dos problemas da comunidade e pouco afeita a trabalhar com população de baixa renda. Contestadora, no momento em que cobrar da escola de 1º Grau uma ação continuada ao que foi possível atingir nessa faixa de idade da criança e não se dobrar a apresentar produtos acabados, resultado de uma departamentalização dos níveis educacionais.

A isso ela não deverá se curvar, sob pena de tornar-se o vilão de todo o sistema de ensino. Atualmente, reclama-se no 2º Grau da ineficiência e ineficácia do 1º; a Universidade reclama dos males não sanados pelo ensino de 2º Grau. Forma-se um grande ciclo vicioso de reclamos da educação, no qual poder-se-á inserir também a pré-escola. E onde está a criança e suas necessidades? Seu contexto cultural? Sua individualidade? Suas carências diversificadas?

Parece-nos que a grande carência é a nossa, que é representada pela crescente dificuldade (demonstrada diante das ações mais variadas) em definir ou exercer, ou participar da formulação de uma educação adequada a uma ambiência em constante turbulência. Uma ambiência que poderá assemelhar-se, mas não é igual à da época em que freqüentávamos os bancos escolares.

Transformar a nossa atuação e assumir o risco de indicar uma direção a seguir é o grande desafio, na condução da educação pré-escolar atual e preparação do homem do ano 2.000. Não existem soluções mágicas para os destinos da pré-escola, repetimos. Existem, e deverão existir, pos-

turas críticas em relação ao problema, estados não acomodativos de verificar a prática pedagógica para o pré-escolar; existe a abertura necessária para a criação de nova cultura sobre a pré-escola. Cultura essa passível de quebrar as resistências institucionais e traduzir valores em ações concretas.